



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE  
CAMPUS AVANÇADO DE PATU  
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS  
CURSO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVAS LITERATURAS**

**LÍLIA ALEXANDRINO DE ARAÚJO**

**RACISMO AMBIENTAL EM PAUTA: TENSÕES RACIAIS EM REPORTAGENS  
WEBJORNALÍSTICAS DO G1 SOBRE DESASTRES AMBIENTAIS**

**PATU**

**2024**

LÍLIA ALEXANDRINO DE ARAÚJO

RACISMO AMBIENTAL EM PAUTA: TENSÕES RACIAIS EM REPORTAGENS  
WEBJORNALÍSTICAS DO G1 SOBRE DESASTRES AMBIENTAIS

Monografia apresentada como requisito de avaliação da disciplina Seminário de Monografia II, ministrada pela Profa. Dra. Luciana Fernandes Nery, do Curso de Letras, no *Campus* Avançado de Patu – CAP, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Aline Almeida Inhoti

Linha de Pesquisa: Linguística Aplicada.

PATU – RN

2024

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

**Catálogo da Publicação na Fonte.**  
**Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

A663r  
Araújo, Lília Alexandrino de  
Racismo Ambiental em pauta: tensões raciais em reportagens webjornalísticas do G1 sobre desastres ambientais. / Lília Alexandrino de Araújo. - Patu/RN, 2024.  
47p.

Orientador(a): Profa. Dra. Aline Almeida Inhoti.  
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Webjornalismo; Portal G1; Racismo Ambiental; Linguística Aplicada. I. Inhoti, Aline Almeida. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

LÍLIA ALEXANDRINO DE ARAÚJO

RACISMO AMBIENTAL EM PAUTA: TENSÕES RACIAIS EM REPORTAGENS  
WEBJORNALÍSTICAS DO G1 SOBRE DESASTRES AMBIENTAIS

Monografia apresentada como requisito de avaliação da disciplina Seminário de Monografia II, ministrada pela Profa. Dra. Luciana Fernandes Nery, do Curso de Letras, no *Campus* Avançado de Patu – CAP, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

Aprovada em: 09/12/2024

Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente  
 **ALINE ALMEIDA INHOTI**  
Data: 16/12/2024 15:58:14-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dra. Aline Almeida Inhoti (Orientadora)  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Documento assinado digitalmente  
 **KAMILA COSTA DE SOUSA**  
Data: 14/12/2024 15:22:56-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dra. Kamila Costa de Sousa  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Documento assinado digitalmente  
 **ALEX SOUZA BEZERRA**  
Data: 14/12/2024 07:08:13-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Esp. Alex Souza Bezerra  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pela grandiosa oportunidade de me refazer inteiramente mais uma vez e por seguir me transformando a cada dia em alguém melhor e mais preparada para todos os enfrentamentos dessa vida.

A minha família por compreender minha ausência diante do fato de que a minha presença sempre foi tão resolutiva com todos eles, porém, precisei mudar inclusive de cidade, visitando-os apenas quando podia. Vocês são a razão de absolutamente tudo!

Agradeço a cada amigo que comigo caminhou e contribuiu de forma direta ou indireta para a realização de mais um sonho que eu guardava e demorei tanto para buscá-lo. Em especial, aos que acompanharam de perto e fizeram parte de tantos dos meus projetos em grupos de trabalhos, publicações, e claro, a amizade que levarei por toda essa vida: Lucas Braga, Stefanny Barreto, Julianny Martins, Lycia Silva, Zaira Katherine, David Cortez, Ítala Morgana. Espero que a vida nos permita muitos encontros para além desse que nos apresentou.

Quero agradecer de forma especial a minha querida orientadora Aline Inhoti, pois com ela a história é longa e as aprendizagens são muitas já que foi não apenas esse, mas diversos outros projetos partilhados durante essa graduação e eu, só posso agradecer por tanto ensinamento, compreensão e humanidade ímpar que encontrei nela.

Agradeço imensamente aos demais professores que por mim passaram deixando marcas que guardei comigo, saibam que, de cada um, levarei um pouquinho para onde for, seja lá onde eu exerça a minha prática docente. Muito Obrigada!

“O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta”.

## RESUMO

A presente pesquisa se propôs responder a problemática: como o *webjornalismo* do portal G1 contribui com a construção do racismo ambiental a partir da linguagem em suas reportagens sobre desastres ambientais? Para tanto, tem como objetivo geral compreender como a linguagem das reportagens do *webjornalismo* do G1 sobre desastres ambientais de regiões geográficas brasileiras distintas contribuem com o racismo ambiental, e como objetivos específicos, investigar a relação linguagem e racismo ambiental no capitalismo recente, discutir o modo de constituição do gênero discursivo reportagens do *webjornalismo* do G1 e analisar a relação linguagem e racismo ambiental nas reportagens do *webjornalismo* do G1. Os principais autores que embasaram esse trabalho são Moita Lopes (2008) para tratar da linguagem enquanto prática e ação social permeadas por relações de poder; Quijano (2005) para discutir sobre a colonialidade do poder; Pinheiro (2023) para subsidiar compreensões sobre o racismo e o racismo estrutural; Nascimento (2019) para discutir raça e racialização; Bento (2022) para tratar da branquitude; Belmont (2023) para tratar do racismo ambiental; Kawamoto (2003) para tratar do jornalismo digital, dentre outros. O corpus dessa pesquisa é composto por 2 reportagens de *webjornalismo* do Portal G1 que tematizam os desastres ambientais, sendo uma reportagem sobre um desastre ocorrido na região Sul do país e outra reportagem de um desastre ambiental no Nordeste do Brasil, ambas de 2024. Como principais resultados, vimos que além das reportagens não abordarem diretamente o racismo ambiental, o portal G1 trata as duas regiões do país de forma diferente. Isto fica claro a partir das palavras utilizadas em cada uma, do tamanho da reportagem, da intensificação de uma tragédia e não de outra. Essas nuances mostram a partir das reportagens, uma maior ênfase no desastre do Rio Grande do Sul em detrimento ao Maranhão, possibilitando sentidos de que uma região possa ser mais importante que a outra. Essa percepção reforçou questões hierárquicas que ainda persistentes vindas do sul em detrimento do nordeste, e também em detrimento de áreas que são mais privilegiadas em cada uma das regiões onde os eventos aconteceram.

**Palavras-chave:** *Webjornalismo*; Portal G1; Racismo Ambiental; Linguística Aplicada.

## **Environmental Racism on the Agenda: Racial Tensions in G1 Web journalistic Pieces on Environmental Disasters**

### **ABSTRACT**

This research aimed to investigate the following question: how does the web journalism of the G1 portal contribute to the construction of environmental racism based on the language in its reports on environmental disasters? Facing that, our main objective was to understand how the language of G1's web journalism reports on environmental disasters in different geographic regions of Brazil contribute to environmental racism. The specific objectives are to investigate the relationship between language and environmental racism in recent capitalism, discuss how the discursive genre of G1's web journalism reports is constituted, and analyze the relationship between language and environmental racism in G1's web journalism reports. The main authors who supported this work were Moita Lopes (2008) to deal with language as a practice and social action permeated by power relations; Quijano (2005) to discuss the coloniality of power; Pinheiro (2023) to subsidize understandings about racism and structural racism; Nascimento (2019) to discuss race and racialization; Bento (2022) to deal with 'whiteness' (*branquitude*, in Portuguese); Belmont (2023) to deal with environmental racism; Kawamoto (2003) to deal with digital journalism, among others. The *corpus* of this research consists of 2 web journalism reports from the G1 Portal that thematize environmental disasters, one report on a disaster that occurred in the southern region of the country and another report on an environmental disaster in Northeast Brazil, both from 2024. As main results, we observed that in addition to the reports not directly addressing environmental racism, the G1 portal treats the two regions of the country differently. This is clear from the words used in each one, the size of the report, the intensification of one of the tragedies, but not the other. These nuances show from the reports, a greater emphasis on the disaster in Rio Grande do Sul when compared to the piece on the disaster in Maranhão, enabling senses that one region may be more important than the other.

**Keywords:** Web journalism; G1 Portal; Environmental Racism; Applied Linguistics.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Título e lead da reportagem sobre o desastre no Rio Grande do Sul.....	30
Figura 2 - Casa destruída pelas enchentes em Arroio do Sul – RS.....	30
Figura 3 - Rio Grande do Sul sob chuvas e cheias históricas a 1 mês.....	31
Figura 4 - Inundação do Aeroporto Salgado Filho em Porto Alegre – RS.....	31
Figura 5 - O resgate do cavalo Caramelo.....	32
Figura 6 - Cidade de Eldorado relata “cemitério” de carros.....	32
Figura 7 - Alagamento da Casa de Cultura Mário Quintana.....	33
Figura 8 - Mercado Público de Porto Alegre.....	33
Figura 9 - Corredores alternativos para facilitar o trânsito.....	33
Figura 10 - Desabamento de uma rua na cidade de Gramado.....	34
Figura 11 - Título e lead da reportagem do estado do Maranhão.....	35
Figura 12 - Maranhão chegou a 19 cidades que decretaram situação de emergência.....	35
Figura 13 - Descrição das regiões mais afetadas pelas chuvas no Maranhão.....	36
Figura 14 - Orientações à população para quando o rio Itapecuru transborda.....	37
Figura 15 - Forte chuva e alagamento.....	38
Figura 16 - Alerta amarelo indica potencial de chuvas intensas.....	38
Figura 17 - Orientações.....	39

## SUMÁRIO

<b>1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>11</b>
<b>2 CAPITALISMO E RACISMO AMBIENTAL: TENSÕES E DISCUSSÕES.....</b>	<b>17</b>
<b>2.1 Linguística Aplicada e racismo.....</b>	<b>17</b>
<b>2.2 Capitalismo atual e o racismo ambiental.....</b>	<b>20</b>
<b>2.3 Um novo espaço para reportagens: o <i>webjornalismo</i>.....</b>	<b>26</b>
<b>3 O RACISMO AMBIENTAL EM REPORTAGENS <i>WEBJORNALÍSTICAS</i> DO PORTAL G1.....</b>	<b>29</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>45</b>

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao longo dos anos, com o avanço do capitalismo, nota-se que discrepâncias entre pessoas, regiões, raças, sexualidade, dentre outras categorias sociais, hierarquizam saberes e poderes na sociedade. Regiões consideradas mais ricas e influentes se comportam e agem como superiores, desde “o etnocentrismo colonial e a classificação racial universal, que ajudam a explicar por que os europeus foram levados a sentir-se não só superiores a todos os demais povos do mundo, mas, além disso, naturalmente superiores (Quijano, 2005, p. 121)”. Antes da independência de muitos países, conforme Quijano (2005), a Europa tinha o controle do mercado mundial e por esta razão impôs o seu domínio colonial sobre muitos países em todo o globo, de maneira que os incorporou ao “sistema-mundo” constituindo todos eles ao seu padrão específico de poder, colonizando diversas localidades que por muito tempo, permaneceram sob o poder europeu.

Esta ideia de superioridade predomina de diversas formas, não apenas de país do Norte Global para países colonizados pela Europa, mas também de região para região de países colonizados e também dentro das cidades, considerando o que seria centro e periferia, sem considerar fatores como, por exemplo, os privilégios que uma região tem em detrimento a outra.

Apesar de progressos já alcançados e do conhecimento produzido pelo ser humano, uma prática criminoso, desumana e cruel persiste sem solução: o racismo. Desse modo, “com o racismo, pessoas negras são rebaixadas do ponto de vista humano e são desumanizadas” (Pinheiro, 2023, p. 48). Isso acontece de tal forma que as práticas racistas permanecem nas estruturas sociais e são sustentadas por uma posição e por um discurso de supremacia da raça branca, a branquitude, que insiste não apenas em pensar ser superior, mas age a partir desse lugar de superioridade, estruturando os espaços habitados de forma discriminatória para, assim, manterem-se nos espaços sociais de poder.

Nos estudos sobre o racismo, estão embricadas também as intersecções que de acordo com Hirata (2014), diz respeito às relações de poder, classe, sexo e raça, causando interdependência que perdura no meio social das mais diversas formas. Conforme Nascimento (2019), a racialização enviesa a discussão de raça pois esquerda e direita, na verdade, discutem sobre questões que se centram nos interesses econômicos, tornando o debate centralizado e deixando de trazer à tona as discussões sobre raça, que é na verdade o problema gerador sendo ignorado propositalmente pela branquitude. Frente a isso, estão as intersecções

que ocorrem entre as raças e classes sociais e que auxiliam na explicação da sobreposição das classes mais abastadas sobre os menos favorecidos.

O racismo ecoa nas esferas sociais de forma que reverbera no espaço físico onde a pessoa negra e pobre vive, sendo esses lugares menos favorecidos em infraestrutura de qualidade que possa garantir o mínimo de segurança e dignidade em vários aspectos, tornando negros e pobres também vítimas do racismo ambiental.

Belmont (2023) diz que racismo ambiental é a forma de discriminação que afeta as pessoas que moram nas favelas, na beira dos rios e trilhos, na beira de represas, e sobre a cor dos corpos que são atingidos e levados nas enchentes, soterrados pelos deslizamentos, além de serem também esses os afetados pela escassez de alimentos. Portanto, percebe-se que as implicações do racismo ambiental no que se refere às populações mais atingidas por desastres ambientais se centram onde vivem os menos favorecidos e a população negra e pobre é alvo frequente, estando à mercê dos mais diversos tipos de consequências ocasionadas pelos desastres ambientais que atingem várias partes do país.

Os desastres ambientais, por sua vez, são amplamente divulgados pelas reportagens na mídia digital, porque causam um forte impacto na região onde ocorrem, podendo gerar consequências como famílias desabrigadas, lugares devastados, economia comprometida e mortes daqueles que não conseguiram se salvar diante da tragédia. Por essas razões, as coberturas midiáticas e jornalísticas se voltam para a região onde o desastre aconteceu para fazer a cobertura do fato e levar informações para a população, servindo inclusive para alertar as pessoas sobre algum perigo relacionado àquela região atingida.

Essas matérias jornalísticas para se reportarem à população e levar esse tipo de informação não o fazem de qualquer jeito, utilizam-se de uma linguagem específica, não coloquial e que contém os principais dados que levarão as pessoas a compreenderem o que de fato ocorreu em determinado lugar. Tendo em mente essas questões, este trabalho pretende se debruçar sobre duas reportagens do portal de notícias G1 da Rede Globo, com a finalidade de entender de que forma o racismo ambiental é abordado no referido veículo de comunicação.

Esses aspectos do racismo ambiental serão pensados pela perspectiva da Linguística Aplicada (LA). De acordo com Lopes (2008, p. 29), “a linguagem deve ser entendida como uma atividade, como sistema de ações simbólicas realizadas em determinados contextos sociais e comunicativos que produzem efeitos e consequências semânticas convencionais.” Pensando assim, pretende-se alicerçar a discussão a partir das perspectivas apresentadas. Dito isso, acrescenta-se também o fato de que questões que envolvem esta pesquisa trazem consigo a reflexão de que, como afirmam Fernandes e Eugênio (2021), os diversos usos da linguagem,

são capazes de sustentar relações de poder e violências, além de criar, fixar e sustentar padrões, amparando assim a relevância de trazer essa discussão pelo ponto de vista da LA.

Por essas razões e sabendo que a mídia digital desempenha um importante papel de divulgação e de informação em escala mundial, a presente pesquisa é motivada pela seguinte pergunta: **Como o *webjornalismo* do portal G1 contribui com a construção do racismo ambiental a partir da linguagem em suas reportagens sobre desastres ambientais?**

Para responder a esse questionamento, temos como objetivo geral compreender como a linguagem das reportagens do *webjornalismo* do G1 sobre desastres ambientais de regiões geográficas brasileiras distintas contribuem com o racismo ambiental. Como objetivos específicos temos: a) investigar a relação linguagem e racismo ambiental no capitalismo recente, b) discutir o modo de constituição do gênero discursivo reportagens do *webjornalismo* do G1 e c) analisar a relação linguagem e racismo ambiental nas reportagens do *webjornalismo* do G1.

Diante da pesquisa e análise das reportagens do Portal de *webjornalismo* do G1 sobre desastres ambientais, elencam-se as seguintes hipóteses: a) O Brasil é um país diverso em cultura e em linguagem. Dessa forma, o racismo presente nas diversas regiões pode influenciar a forma como os discursos das reportagens de *webjornalismo* do G1 sobre desastres ambientais são apresentadas; b) As estratégias linguístico-discursivas utilizadas pelo Portal de *webjornalismo* do G1 sobre desastres ambientais podem ser apresentadas reforçando o racismo.

O interesse da pesquisadora por temas correlatos ao meio ambiente e ao racismo ambiental se configura aqui como a justificativa de cunho pessoal para a realização desta pesquisa. Os posicionamentos políticos, sociais e a preocupação da pesquisadora com temáticas relacionadas às questões ambientais se configuram também com uma forte razão pessoal para a escolha desse tema. Para além disso, o racismo é uma prática discriminatória e criminosa que permanece na sociedade, causando segregação em diversas áreas distintas e é por isso que existem várias classificações que o englobam, inclusive a de racismo ambiental, do qual este trabalho trata mais especificamente. Interessa dizer também que a pesquisadora desenvolveu uma pesquisa no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), com um projeto sobre a Comunidade Quilombola Jatobá, que fica na zona rural do município de Patu e que teve o racismo como um dos aspectos discutidos, também se configura como uma das razões pertinentes que influenciou a escolha desse tema de pesquisa.

Além disso, por ser estrutural, o racismo atinge vários âmbitos da sociedade e se apresenta de maneiras diferentes, atingindo, ferindo e matando pessoas de várias formas. O

racismo ambiental se configura como uma das maneiras de disseminar essa forma de discriminação por meio dos espaços geográficos e habitacionais em que as vítimas se encontram.

A justificativa social desta pesquisa considera a influência da forma como uma linguagem se apresenta para um público, especialmente se tratando de um canal de comunicação de grande alcance, como é o caso do Portal G1, é pertinente investigar as questões inerentes a forma como essas reportagens contribuem com o racismo ambiental presente nesses espaços a partir da linguagem e da forma como apresentam os fatos.

Diante desse cenário de racismo na sociedade, esta pesquisa se justifica por encontrar pertinência em lançar interpretações sobre as reportagens do G1 com a temática sobre desastres ambientais, já que, de modo geral, esse veículo de comunicação tem por finalidade informar e trazer para o dia a dia das pessoas as notícias de interesse e de necessidade do público. Para além disso, o jornalismo disposto numa diversidade de mídias cada dia maior, colabora também com os interesses mercadológicos pois atendem às expectativas empresariais que por sua vez, contribuem com a sustentação da própria mídia, havendo assim uma troca de interesses entre os citados.

Já em termos acadêmicos, a presente pesquisa é justificável pela ausência de pesquisas nessa área, no curso de Letras do *Campus* da UERN de Patu, em se tratando de análise de reportagens sobre desastres ambientais e que englobem o racismo ambiental.

A área de estudo desta pesquisa é a Linguística Aplicada e, portanto, a discussão aqui proposta será embasada nos estudos de Moita Lopes (2008), para tratar da linguagem enquanto prática e ação social, das questões de poder que estão imbricadas nas relações entre quem ocupa os espaços de privilégios em uma determinada localidade; Quijano (2005) que traz discussões sobre a colonialidade do poder; Pinheiro (2023) para refletir sobre questões inerentes ao racismo e o racismo estrutural nas mais diversas camadas sociais, Nascimento (2019) para discutir raça e racialização; Bento (2022) para tratar da branquitude; Belmont (2023) para tratar do racismo ambiental, seus conceitos e quem sofre as suas consequências; Kawamoto (2003) para falar sobre jornalismo digital, dentre outros pesquisadores.

O *corpus* para análise são duas reportagens do Portal G1 da Rede Globo, ambas de 2024, que tratam sobre desastres ambientais. Para a investigação, levamos em consideração, a partir da/por meio da linguagem, a forma como contribuem com as questões referentes ao racismo ambiental, ou seja, será observado de que maneira essas reportagens acabam colaborando com o racismo ambiental em suas matérias jornalísticas. Cabe aqui enfatizar que, em razão da ausência de reportagens que tratassem do racismo ambiental propriamente dito,

viu-se a necessidade de substituí-las por algo mais próximo possível, e que pudesse atender os anseios dessa pesquisa, assim sendo, as reportagens analisadas abordam desastres ambientais.

Os desastres ambientais que estão sendo retratados nas reportagens foram discursivizados em diversos veículos de comunicação diferentes, no entanto, a escolha por essas reportagens especificamente e não outras, se deu em razão da visibilidade e credibilidade do Portal do *Webjornalismo* do G1 no Brasil, além da época de publicação que foi durante os eventos e também em razão do ano de publicação serem 2024. Esse foram os critérios estabelecidos e que resultaram na escolha dessas duas reportagens especificamente.

Os desastres ambientais mencionados nas reportagens, aconteceram durante os meses de abril e maio de 2024 e as reportagens foram publicadas no período dos acontecimentos, pois a reportagem que fala dos desastres do Rio Grande do Sul foi publicada em 29 de maio de 2024 e a que fala sobre os desastres do Maranhão foi publicada em 13 de abril de 2024. A coleta dos dados da reportagem do Maranhão foi feita em 20 de julho de 2024, já a coleta dos dados da reportagem sobre o Rio Grande do Sul, se deu em 16 de setembro de 2024.

Metodologicamente, a classificação dessa pesquisa é explicativa pois, de acordo com Gil (2008, p. 42), “tem como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Esse é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas,” buscando uma compreensão prática dos acontecimentos.

Esta pesquisa também é documental pois como afirma Gil (2008), o trabalho se utiliza materiais que ainda não receberam um tratamento analítico, ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa, além de analisar documentos em primeira mão, ou já foram analisados, porém, há margem para outras interpretações.

Quanto a abordagem dos dados, essa pesquisa se caracteriza como qualitativa. Segundo Chizzotti (2000, p. 9), “parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito.” Tal dinamismo nos faz entender a interligação que existe entre esses fenômenos.

Este trabalho está dividido em 4 capítulos, iniciando com esta introdução, que apresenta a temática e os elementos que guiarão a discussão, seguida da teoria que traz a base científica que sustenta esta pesquisa e está intitulada capitalismo e racismo ambiental: tensões e discussões. Este capítulo subdivide-se em 3 subtópicos que são: Linguística Aplicada e racismo, capitalismo atual e o racismo ambiental e um novo espaço para reportagens: o

*webjornalismo*. O terceiro capítulo diz respeito a análise do *corpus* selecionado para esta investigação, e por fim, o último capítulo que são as considerações finais.

## 2 CAPITALISMO E RACISMO AMBIENTAL: TENSÕES E DISCUSSÕES

Este capítulo se destina a trazer o aporte teórico que embasa as discussões e reflexões levantadas por esta pesquisa. Para tanto, está dividido em três subtópicos, sendo o primeiro, 2.1, que versa sobre a “Linguística Aplicada e racismo”, que situa este trabalho em sua linha de pesquisa que é a LA, além de trazer as discussões iniciais sobre racismo, pertinentes para a compreensão global deste trabalho.

O segundo tópico é o 2.2, intitulado “capitalismo atual e racismo ambiental”, que traz reflexões sobre o capitalismo pois este é uma das, se não a principal razão para a existência do racismo ambiental, em seguida, trata do racismo ambiental propriamente dito, apresentando suas definições e configurações na sociedade. O terceiro e último subtópico, é o 2.3, com o título “um novo espaço para reportagens: o *webjornalismo*” que apresenta e discute o *ciberespaço* onde as reportagens que são o *corpus* dessa pesquisa se situam.

### 2.1 Linguística Aplicada e racismo

Este tópico discute a Linguística Aplicada trazendo algumas conceituações importantes para situarmos o presente trabalho nessa área. Também traz as discussões sobre racismo, a fim de compreender a relação linguagem e racismo ambiental no capitalismo recente.

Para iniciar a discussão teórica desta seção, faz-se necessário introduzir definições pertinentes sobre a área de estudo em que este trabalho se insere e trazer também o seu objeto de estudo que nos farão entender melhor as colocações posteriores da pesquisa. Para tanto, iniciamos dizendo como a Linguística Aplicada (doravante LA) é compreendida pelos estudiosos dessa área da Linguística, assim, passamos a entender que “atribui à linguística aplicada uma vocação, uma inclinação que orientaria suas múltiplas abordagens de modo mais amplo. [...] a orientação da LA é eminentemente pragmática [...] (Silva, 2015, p. 2) e, portanto, trata da língua nos seus contextos de uso em sociedade.

Compreendemos, a partir dessa afirmação, que a LA se importa e se ocupa com a linguagem enquanto acontecimento, ou seja, com a prática que se estabelece por meio do próprio uso da linguagem pelos sujeitos nas mais diversas situações sociais de comunicação. Lopes (2008, p. 25) aponta que “a reconfiguração da LA como prática interrogadora é, então, inseparável da enorme reorganização do pensamento e das práticas sociais correntes na contemporaneidade”.

De acordo com Monteiro (1999 *apud* Gomes 2022, p. 03), “LA não se configura apenas como teoria ou método a ser aplicado na resolução de problemas com a língua, sua contribuição está direcionada para a solução de problemas humanos que derivam dos vários usos da linguagem.”.

Para além da teoria, a LA analisa, também, a vida prática das pessoas. Por isso a sua contribuição resolutiva se dá concomitante às situações comunicacionais do uso da língua nos diversos espaços sociais, observando o comportamento da língua em diferentes situações e funções distintas.

A LA pensa a perspectiva da língua a considerando “em face das metamorfoses que testemunhamos cotidianamente nos mais variados contextos” (Lopes, 2008, p. 24). Por isso, é preciso refletir sobre a língua como passível de mudanças constantes, em relação ao tempo, contexto, usuário, condição de produção e diversos outros aspectos observáveis no momento de uso. Além do mais, pensando sobre o ponto de vista de que “os discursos da ciência, como outros, são construções sociais que, em certos momentos, abalizam certas compreensões de produzir conhecimento, excluindo outras” (Lopes, 2010, p. 11), isto é, as situações comunicacionais é que nos dizem o que e de que forma iremos nos posicionar perante os contextos em que estivermos inseridos.

Por isso, Lopes (2008, p. 49) afirma que “se quisermos saber sobre linguagem e vida social nos dias de hoje, é preciso sair do campo da linguagem propriamente dita: ler sociologia, geografia, história, antropologia cultural e social etc.”. Com essa afirmação, o autor destaca a importância da interdisciplinaridade para que possamos entender de fato não apenas os acontecimentos da língua, mas destaca a relevância de entender a relação estreita que há entre linguagem e vida social, sendo ambas indissociáveis entre as outras áreas de conhecimento que também acontecem por meio dessa relação.

O autor continua dizendo que “para que a LA possa falar da vida contemporânea, é essencial se aproximar de áreas que focalizam o social, o político, a história”, pois essas áreas exploram campos essenciais da sociedade e que se a LA se mantiver apenas na tradicionalidade dessas discussões da linguagem, não seria possível abarcar sem expandir seu foco e sem dialogar com esses campos que investigam as dinâmicas sociais em sua prática e vivência.

Compreendendo esses termos, suas definições e as suas relações sociais e linguísticas, entende-se que as questões raciais estão de maneira bastante forte, atreladas à questão da linguagem. Por isso (Almeida, 2021, p. 253) afirma que:

Raça não é algo que você vê apenas através de pistas visuais, mas é, em grande parte, construída através de como as pessoas soam” (ROTH-GORDON, 2016, p. 51, grifos no original). Logo, um dos meios mais contundentes que as pessoas fazem uso para darem sentido à raça, segundo a autora, é por meio das várias manifestações da linguagem.

A linguagem e as suas mais diversas manifestações apresentam mais características raciais do que se imagina, por isso não se pode estar atento apenas às questões de estereótipo da pessoa negra, pois o modo como a pessoa fala, escolhe as palavras, e o próprio modo como o discurso se pronuncia, carregando uma série de atributos que também falam e muito dizem sobre como esses fatores apresentam marcadores raciais que revelam como as identidades raciais são percebidas e codificadas nos contextos sociais.

Desse modo, sabemos que a sociedade impõe aos negros e negras várias formas ideológicas e estruturais de racismo, posto que os seus efeitos chegam às mais diversas esferas, camadas sociais, espaços físicos e lugares de fala, de poder e de atuações humanas discriminatórias e injustas para com a pessoa negra, já que majoritariamente, a maioria dos espaços de poder, de liderança, de privilégios são comandados pela branquitude, é assim que se estabelece o racismo estrutural.

O racismo é uma prática criminosa e violenta sustentada pela branquitude, uma forma discriminatória de tratar o outro e de obter proveito sobre esse outro, à medida que, pelo fato de ser negra essa pessoa passa a ser inferiorizada pela branquitude que a categoriza em razão da cor de sua pele e está presente em todos os espaços. Na língua, por exemplo, não é diferente, já que:

Uma vez que admitimos que o racismo está na estrutura das coisas, precisamos admitir que a língua é uma posição nessa estrutura. Em minha hipótese principal aqui, entendo que o racismo é produzido nas condições históricas, econômicas, culturais e políticas, e nelas se firma, mas é a partir da língua que ele materializa suas formas de dominação. (Nascimento, 2019, p. 19)

O racismo está enraizado de forma a interferir nas formas de pensar e agir da humanidade e isso acontece de forma estrutural, e por isso que as pessoas brancas, muitas vezes, já não se dão conta de estarem estruturando a sociedade de maneira racista. Assim como na língua, o racismo ocorre também nas diversas estruturas sociais e espaços dominados pela supremacia branca. Por essa e outras razões, é que o racismo é estrutural, pois “se justifica pelas correntes que parecem invisíveis ao conjunto da sociedade, porque suas marcas de responsabilização foram apagadas” (Nascimento, 2019, p. 119). Ou seja, na sociedade há correntes sociais e estruturas de poder que operam do modo invisível, tornando suas ações automatizadas a ponto serem tidas como naturais pela sociedade.

Em razão dessas tensões que existem na sociedade é que Lopes (2008, p. 50) questiona: “como é possível pretender dar conta da relação entre linguagem e vida social sem teorizações que contemplem tal relação, que contemplem o conhecimento sociológico?”. Essa é, pois, a importância de integrar análise da linguagem com o contexto social, pois a linguagem é também um reflexo das construções sociais, inclusive dos preconceitos que nela se perpetuam, fazendo com que os indivíduos tenham suas palavras e atitudes que, mesmo incorretas, seguem sendo validadas e perpetuadas pela sociedade, ainda que sejam capazes de ferir e de interferir na vida de outras pessoas que, nesse caso, serão as que sentirão os efeitos dessas palavras e atitudes.

## **2.2 Capitalismo atual e o racismo ambiental**

Este tópico versa sobre o capitalismo atual e o racismo ambiental já que há uma relação entre as formas como o capitalismo exerce o seu poder social e o acontecimento de racismo ambiental. Dessa forma, discutimos aqui os desdobramentos dessas intersecções que existem para tentar compreendê-las.

O capitalismo é dominante no mundo das mais diversas formas já que em muitos lugares a acumulação de riqueza é um objetivo que acaba por ser uma prioridade independente das consequências que isso possa gerar. O regime capitalista é definido como sendo “um conjunto de práticas conduzidas por grandes negociantes, que criam monopólios, manipulam mercados e aproveitam diferentes oportunidades com vistas à acumulação de capital” (Marques, 2023, p. 54). Essa prática favorece apenas uma minoria, além de ter muitos trabalhadores que se dedicam em troca do mínimo para se viver.

A acumulação de capital não se preocupa propriamente com o bem-estar coletivo e nem atua pensando em uma possível desaceleração de sua ação destrutiva do ponto de vista ambiental, antes, deseja produzir, possuir e lucrar cada dia mais, sem calcular prejuízos que possam ocorrer a partir de suas atividades que têm por objetivo o acúmulo de riqueza financeira.

Refletindo sob essa perspectiva de consumo e sabendo que os recursos não partem de outro lugar senão do meio ambiente, o que se vê é que “a transformação da paisagem e a apropriação da natureza revelam-se, assim, como aspectos absolutamente inextricáveis da história do capitalismo” (Marques, 2023, p. 56), já que a humanidade tem demonstrado pouco interesse em mudar questões correlatas ao seu comportamento diante do uso dos recursos ambientais.

Por esse viés, pensamos não apenas sobre a distribuição das riquezas, mas também sobre o reflexo do poder que a colonialidade (Quijano, 2005) ainda exerce sobre a sociedade, definindo comportamentos e influenciando os direcionamentos das decisões e das atividades realizadas pela humanidade. Reforçando essa compreensão, entendemos que:

Essa colonialidade do controle do trabalho determinou a distribuição geográfica de cada uma das formas integradas no capitalismo mundial. Em outras palavras, determinou a geografia social do capitalismo: o capital, na relação social de controle do trabalho assalariado, era o eixo em torno do qual se articulavam todas as demais formas de controle do trabalho, de seus recursos e de seus produtos. Isso o tornava dominante sobre todas elas e dava caráter capitalista ao conjunto de tal estrutura de controle do trabalho. Mas ao mesmo tempo, essa relação social específica foi geograficamente concentrada na Europa, sobretudo, e socialmente entre os europeus em todo o mundo do capitalismo. E nessa medida e dessa maneira, a Europa e o europeu se constituíram no centro do mundo capitalista. (Quijano, 2005, p. 120)

Aqui é possível observar como a colonialidade não se trata apenas de uma questão histórica, mas um sistema que permanece moldando as relações sociais e econômicas, mesmo após o fim do colonialismo, contribuindo para a permanência também do controle do trabalho que foi organizado de forma territorializada e racializada pelo capitalismo, mostrando como a colonialidade e o capitalismo estão inevitavelmente interligados.

Partindo para uma perspectiva urbana dessa lógica, prestemos atenção em como os espaços metropolitanos são ocupados no sentido de distribuição dessa população que ali habita para entendermos como se dá essa dinâmica de ocupação territorial que ocorre de forma diferente entre os indivíduos de uma sociedade. Assim, reflete-se que:

A dinâmica capitalista dos centros urbanos gera padrões especiais desiguais de convivência e segregação entre pobreza e riqueza. Com base na lei geral de acumulação capitalista de Marx (2013), a ampliação da produção é sempre acompanhada de uma superpopulação disponível como exército industrial de reserva. Essa massa de trabalhadores, contudo, não habita os núcleos de riqueza dos centros urbanos. Sua condição permite a ocupação das áreas periféricas, insalubres e carentes de serviços essenciais (Rodriguez, 2024, p. 03).

A população que vive nas condições descritas pelo excerto acima, ligam as cidades e sustentam o mundo, mas moram nos subúrbios, para onde precisam retornar todos os dias no fim do expediente de trabalho. Geralmente pouco ou nada desfrutam de uma infraestrutura que lhes ofereça o mínimo de qualidade de vida para si e para as suas famílias. Além disso, é válido dizer que:

A segregação urbana ou ambiental é uma das faces mais importantes da desigualdade social e parte promotora da mesma. À dificuldade de acesso aos serviços e infraestrutura urbanos (transporte precário, saneamento deficiente, drenagem inexistente, dificuldade de abastecimento, difícil acesso aos serviços de saúde, educação e creches, maior exposição à ocorrência de enchentes e desmoronamentos etc.) somam-se menos oportunidades de emprego

(particularmente do emprego formal), menos oportunidades de profissionalização, maior exposição à violência(marginal ou policial), discriminação racial, discriminação contra mulheres e crianças, difícil acesso à justiça oficial, difícil acesso ao lazer. A lista é interminável. (Maricato, 2003, p. 152)

Essas condições nos levam a refletir que “mesmo que a desigualdade sempre tenha existido em sistemas complexos, ela é, em parte, construída repetidamente por meio das condições, decisões e arranjos sistêmicos específicos” (Sassen, 2023, p. 03). Isto é, as razões para essas condições é um projeto de poder que está planejando para ser exatamente assim. Dessa forma:

[...] na medida em que a riqueza cresce nos grandes centros, cresce também o preço do metro quadrado. As forças do mercado imobiliário empurram os mais pobres para longe, criando os fluxos de deslocamento pendulares entre áreas cada vez maiores. (Rodriguez, 2024, p. 03)

Importante lembrar que existem forças dominantes que atuam tomando decisões que implicam na vida dessas pessoas que, na verdade, não têm poder de escolha nem defesa perante essas frentes que atuam sob a dominação de si mesmas e em nome de si mesmas, não se questionam nem se incomodam com nada além do seu próprio acúmulo perpétuo de riqueza. Para entender melhor essas questões, retornamos um pouco no percurso histórico somente para lembrar que:

O desenvolvimento do capitalismo no continente, mais especificamente no que veio a se chamar de América Latina, em decorrência da matriz linguística dos colonizadores, aprofundou as desigualdades na designação diferenciada de locais de habitação e de reprodução imediata da vida para os diferentes grupos da população, seguindo o padrão de poder colonial, sustentado na hierarquização social com base nas diferenças raciais e na funcionalidade para a extração e produção de riquezas para desenvolver as economias colonial-imperialistas europeias. (Juliano; Icasuriaga, 2023, p. 02)

As diferenças raciais, sociais, culturais, econômicas fizeram parte dos critérios de dominação, pois seguem um padrão de poder que está centrado em quem detém capital financeiro e vive nas localizações mais privilegiadas dos espaços urbanos, e que desprezam vidas e histórias de quem não desfruta dessa mesma realidade que inclusive é para um público muito seletivo da sociedade. Assim, é importante saber que:

O racismo ambiental é um conceito importante para compreendermos a localização de lixões e aterros tóxicos, a segregação populacional por territórios ditos marginalizados (periferias e favelas), bem como outras formas de ações e práticas que desvalorizam e que demarcam a vida de pessoas negras por território, região, lugar, entre outros elementos. Ferdinand (2022) nos provoca a conectar as agressões ao meio ambiente e a violência racial, apontando a articulação e inter-relação desses dois fenômenos sociais. (Juliano; Icasuriaga, 2023, p. 06)

As camadas menos favorecidas da sociedade recebem os despejos vindos dos bairros nobres das cidades. Ali se encontram os lixões, os esgotos onde se deposita o que foi descartado, piorando a situação de precarização dos locais de moradia dessas pessoas. Estas, por terem suas vozes silenciadas, têm que lutar por seus direitos e resistir frente a essas situações discriminatórias. Com todas essas questões em voga, é importante ressaltar que:

Engana-se quem acha que essa mobilização em torno do meio ambiente e do debate racial é recente. O movimento negro já trata sobre essas questões há muito tempo. Inclusive porque são os que sentem na pele, na estrutura do meio urbano ou rural, as consequências da omissão de políticas públicas e, ao mesmo tempo, da carga de impactos ambientais. (Santos, 2023, *in* Belmont, 2023, p. 27)

Por essas questões é que se faz pertinente discutir, pensar, escrever e agir contra o racismo ambiental na sociedade, já a população preta, pobre e periférica é mais atingida, logo, esta é a que mais se engaja e se interessa pela resolução desses problemas que lhes afeta diretamente, pois como também afirma Santos, 2023, *in* Belmont, (2023, p. 28) “o povo preto sofre de forma diferenciada às violências e às violações”. Informações históricas importantes para entender esse contexto são por exemplo o fato de que:

Para compreender o panorama geral do contexto da luta contra o racismo ambiental no Brasil, é preciso também caminhar passos para trás na história e falar que, em 18 de setembro de 1850, o imperador Dom Pedro II assinou a chamada “Lei de Terras”. Essa legislação oficializou um mecanismo legal de legitimar a grilagem de terras e patrocinou o latifúndio e a concentração de terras no Brasil, além de dificultar o acesso de terras às pessoas negras no contexto do pós-abolição. (Dealdina, 2023, *in* Belmont 2023, p. 83)

A história mostra e fala sobre essas lutas que ao contrário do que se pensa, não são contemporâneas pois estão há mais tempo do que se imagina, afligindo populações, excluindo povos e privilegiando as classes sociais que sempre estiveram no topo do poder e do domínio das decisões que os afetam minimamente. Por estas razões, interessa entender também que:

A política agrária no Brasil já foi construída para favorecer políticos, fazendeiros, latifundiários e para impedir o acesso à terra para a população mais pobre. Dessa forma, pode-se dizer que o racismo é um crime perfeito, uma vez que ele se molda aos contextos históricos e sociais, seja por meio do racismo estrutural, ou pelo racismo ambiental, institucional e econômico. (Dealdina, 2023, *in* Belmont 2023, p. 83)

Entende-se aqui, as diversas vias pelas quais o racismo ambiental se estrutura e se perpetua nos espaços sociais, tornando umas classes superiores à outras que não detém o mesmo poder aquisitivo nem influência social. Dessa forma, esses encadeamentos vão sendo moldados ao longo da história, além de serem vistos como algo natural. É importante destacar também o quanto:

É imprescindível romper a aliança entre classes, elites políticas, educacionais, culturais e econômicas e uma parte da classe trabalhadora reunida pela supremacia branca, que vem possibilitando a reprodução do sistema do capitalismo racial. Rompendo essas alianças, a identificação de parcela da classe trabalhadora com líderes supremacistas violentos será dificultada. (Bento, 2022, p. 24)

Para reorganizar a sociedade de forma mais justa e igualitária, é importante saber quais as relações que precisam ser estabelecidas ou não, quais as ações que precisam ser executadas sobre as ligações que devemos ter ou não. Além do mais, uma reflexão que precisa ser feita é a de que:

Os casos de racismo ambiental no Brasil, na grande maioria das vezes, são expressos pela tragédia do cotidiano da vida das pessoas negras periféricas e que, infelizmente, só ganham visibilidade midiática quando há/torna-se uma grande catástrofe. (Santos, 2023, *in* Belmont, 2023, p. 28)

A visibilidade dessas comunidades só ocorre quando acontece algo ruim. Ou seja, nos momentos em que esses espaços são afetados de alguma forma por alguma tragédia. Ainda assim, o destaque maior é dado para as áreas mais nobres e importantes economicamente em relação as que não desfrutam de igual desenvolvimento.

Os negros são vistos como invasores do que os brancos consideram seu espaço privativo, seu território. Os negros estão fora de lugar quando ocupam espaços considerados de prestígio, poder e mando. Quando se colocam em posição de igualdade, são percebidos como concorrentes, como afirmou nossa entrevistada acima. (Bento, 2023, p. 41)

A ocupação dos espaços não ocorre de forma igualitária para todos, nem tão poucos os investimentos em infraestrutura, nem o desenvolvimento que deveria acontecer de forma a favorecer as diferentes populações/comunidades de forma mais justa, no entanto, o que se percebe é que:

o racismo ambiental perverso é mais um exemplo da apropriação da vida humana e da natureza, sob a máscara da retórica de um desenvolvimento sustentável inventado, de uma energia limpa que destrói territórios e invisibiliza comunidades. (Belmont, 2023, p. 19)

O racismo está estruturado em razão das ações praticadas pela sociedade, pois já têm essas ações como parte dela. Em razão de ser estrutural é que o racismo ocorre de diferentes formas, ocupando lugar de maneira que atinge os espaços físicos onde vivem as pessoas pretas. Dessa forma:

Entende-se por racismo ambiental qualquer política, prática ou diretiva conduzida por instituições governamentais, jurídicas, econômicas, políticas e militares que afete ou prejudique racialmente, de formas diferentes, voluntária ou involuntariamente, as condições ambientais de moradia, trabalho ou lazer de pessoas, grupos ou comunidades. (Bullard, 2005 *apud* Jesus, 2020, p. 06)

A temática do racismo ambiental precisa estar presente nos espaços acadêmicos para que possa ser discutido e compreendido, já que a sociedade em geral não tem muitas informações a respeito, e isso inclui as pessoas que sofrem as consequências por não terem como desfrutar de espaços melhor estruturados para viver. Isso também dificulta a compreensão desses aspectos, tem-se aí uma das questões emblemáticas sobre o racismo ambiental, no qual essa pesquisa se detém mais profundamente. Por essa razão é que:

Discutir sobre justiça climática e racismo ambiental exige, além de uma abordagem interseccional, considerando as dimensões de classe social, gênero e raça. Sobretudo, levar em conta diferentes eixos temáticos que fazem parte e impactam a vida dos territórios vulnerabilizados, onde poderes atuantes são excludentes e negligenciam os cuidados com a população e o meio ambiente. (Associação Casa Fluminense, 2023, p. 05)

Só é possível entender o racismo ambiental compreendendo as diversas mazelas sociais que o racismo é capaz de causar, afetando as pessoas que não têm poder de escolha, pois a vida de vulnerabilidade a qual estão sujeitadas, não é por vontade própria. Além do mais, as questões climáticas seguem sendo negligenciadas apesar dos fatos que provam sua existência, como por exemplo:

O relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) é um alerta importante para o que estamos vivendo, os números escancaram o racismo ambiental e o que está acontecendo nos territórios. As pessoas mais afetadas pela crise climática são as que menos contribuem para o aquecimento do planeta: nas regiões mais pobres e marginalizadas, o número de mortes por secas, enchentes e tempestades foi 15 vezes maior na última década do que nas regiões com mais infraestrutura. (Belmont, 2023, p. 18)

A partir desse trecho, vê-se que quem sofre as consequências dos desastres ambientais que ocorrem nas cidades são as pessoas que menos contribuem para a causa racistas e colonialistas desses eventos e mesmo apesar de tantos alertas feitos por meio dos relatórios que mostram a urgência climática em que estamos, não se vê muitas ações em direção a formas de viver menos poluentes e com mais consciência ambiental. Diante disso, o povo negro segue sendo prioritariamente os principais afetados:

É uma experiência humana violada historicamente, de um povo escravizado por 400 anos e de uma sociedade que se organizou para manter esse povo no chão, sob jugo. Toda a estrutura social brasileira está baseada no racismo. Nós temos uma elite branca, supremacista em toda a sua estrutura social e financeira. São 56% da população brasileira, aquela que gera as riquezas, aquela que construiu o país. Cada minuto de resistência dos povos originários, desde a invasão às nossas terras, cada gota de sangue derramado pelo povo africano e seus descendentes em todo o período colonial é a sustentação de uma democracia de mentira na qual meu povo continua sendo violentado. (Belmont, 2023, p. 18)

A violência sofrida continua até hoje, embora que de outras formas, mas segue ceifando vidas e trazendo horror aos que vivem sob condições insalubres, desumanas e cruéis com seus corpos, sua história e seus direitos sendo violados e apagados pela branquitude continuamente. Por essa razão, as conquistas alcançadas pela população negra até aqui não aconteceram se não a custo de muita luta e resistência desse povo que segue sendo sobretudo forte diante dos apagamentos que lhes são impostos pela supremacia branca.

### **2.3 Um novo espaço para reportagens: o *webjornalismo***

Sabendo que o espaço *online* nos dias atuais é que detém e dissemina grande parte das notícias que circulam, este subtópico aborda sobre alguns conceitos importantes acerca do objeto de estudo apresentado por esta pesquisa para situar o leitor sobre o que se trata o *webjornalismo*, a reportagem no meio digital, como se fazem esses meios de comunicação e informação, e de que forma se apresenta na sociedade.

Importa começar trazendo a afirmação de Machado e Palácios (2003, p. 43), na qual os autores dizem que “interessa-nos é que a palavra “*ciberjornalismo*” vai remeter ao jornalismo realizado com o auxílio de possibilidades tecnológicas oferecidas pela cibernética ou ao jornalismo praticado no - ou com o auxílio do ciberespaço.” Ou seja, esse gênero utiliza-se de veículos cibernéticos que sejam capazes de possibilitar a disseminação das informações por meio dos diversos canais ofertados digitalmente.

A distância entre a notícia e o leitor também é um fator de interessante discussão nesse meio, pois como afirma Canavilhas (2023, p. 9) “se até determinado momento eles tinham as fronteiras bem delimitadas entre si, com o surgimento da internet estas fronteiras intermediáticas tornaram-se mais ténues, dando lugar a um ecossistema marcado pela convergência em vários campos,” o que quer dizer que o ciberespaço aproximou a notícia do seu destinatário já que por meio da internet, basta apenas um clique para alcançar as informações que precisa/deseja.

Dito isso, interessa enfatizar que o olhar interdisciplinar da LA permite visitar diversas áreas pela perspectiva de uso da língua que detém, proporcionando uma visão mais ampla do que está sendo observado e visando enxergar além do que está posto, já que a mensagem nem sempre é o foco da análise, mas sim de que forma a língua está sendo usada. Pensando dessa forma, é que entendemos as várias interfaces da LA frente aos diversos contextos cotidianos. Para exemplificar essa questão, e trazendo para o contexto ao qual essa pesquisa se refere, afirma-se que:

[...] uma notícia de jornal é o complexo resultado de interlocuções e tramas institucionais diversas: jornalistas conversam com seus informantes, registram imagens dos caminhos que percorreram, selecionam trechos de suas fontes de acordo com intenções coletivamente constituídas, até escreverem o texto de acordo com regimes editoriais e possivelmente verem o texto refeito nas etapas finais do circuito da notícia. Unidades linguísticas que compõem uma notícia, assim, terão viajado por caminhos sinuosos, sendo moldadas e remoldadas continuamente até se entextualizarem em seu formato “final”, [...]. (Silva, 2015, p. 06)

O excerto evidencia uma situação cotidiana de uso da língua comum aos usuários, mostrando como são férteis os campos da LA no uso corriqueiro da língua. Só nessa situação nos deparamos com diversos acontecimentos de escrita, imagens, conversas que resultam na notícia apenas no produto final. Por isso dizemos que a os estudos da LA se centram na língua em situação de uso. A língua carrega em si inúmeras possibilidades e ângulos diferentes de observação e análise, alimentando os muitos usos e também as pesquisas nessa área.

Cabe marcar aqui que “a reportagem trata de assuntos, e não necessariamente de fatos novos. Seu objetivo é contar uma história verdadeira, expor uma situação ou interpretar fatos. Enquanto a notícia é imediatista, (...) a reportagem preocupa-se em ser atual e mais abrangente (...). (Franceschini, 2004, p. 150 *apud* Machado 2012, p. 4)”. Essa é a diferença entre reportagem e notícia que precisamos considerar para compreendermos melhor o que está sendo discutido neste trabalho.

As notícias hoje dispõem de diversos veículos de disseminação eficientes e rápidos, por isso é que as informações se espalham de forma instantânea e, geralmente não estão longe de quem possui um *smartfone* já que esses dispositivos dispõem de acesso à *internet* e fazem parte da vida da população que desfruta da facilidade e do acesso a esses aparelhos. Quanto a forma de produção dessas informações disponibilizadas, Canavilhas (2023, p. 48-49) destaca algumas definições e diferenciações importantes:

A produção de qualquer conteúdo jornalístico exige um planeamento que é proporcional à sua complexidade. Exemplificando com os gêneros jornalísticos pode dizer-se que os dois extremos serão a notícia de última hora (pouco planeamento) e a reportagem (muito planeamento). (...) Neste caso, as variáveis são a velocidade e a profundidade, verificando-se que quanto mais se aprofunda o tema, mais tempo é necessário para a sua produção, por isso o processo é mais lento. Esta situação faz com que a informação na Web exija mais planeamento, não só porque os gêneros complexos o exigem, mas também porque esta dinâmica informativa se afasta da periodicidade característica da imprensa tradicional, exigindo permanente actualização.

Importa enfatizar que, como afirma Machado (2012, p. 4), “a reportagem se enquadra-se no gênero narrativo, porque é um gênero jornalístico que se expande na linguagem, deixa de ter uma função meramente informativa para se alargar a factos secundários, narrando um acontecimento com minúcia.” Destaca-se aqui a evolução da reportagem como gênero

narrativo no meio jornalístico, sendo esta rica em detalhes que trazem todas as características e fatos da notícia até o seu interlocutor para mantê-lo bem informado.

É através das reportagens produzidas por meio do *webjornalismo* que as notícias chegam às nossas mãos e assim temos acesso às informações de uma forma rápida e quase instantânea, que permite uma aproximação do leitor com a mensagem de maneira ágil que os veículos impressos de notícias utilizados antes da chegada das notícias no meio digital.

### 3 O RACISMO AMBIENTAL EM REPORTAGENS WEBJORNALÍSTICAS DO PORTAL G1

Esta seção se destina a analisar a relação linguagem e racismo ambiental nas reportagens do *webjornalismo* do G1. Para tanto, foram utilizadas como *corpus* dessa pesquisa, 2 reportagens do *webjornalismo* disponibilizadas no Portal de Notícias do G1 da Rede Globo na sua forma digital.

A primeira reportagem aborda o desastre ambiental que atingiu o estado Rio Grande do Sul, entre os meses de abril e maio de 2024, destacando os estragos causados por meio de imagens e trazendo também diversas informações sobre o ocorrido que foi considerado o maior desastre climático já registrado no estado. A segunda reportagem trata também sobre um desastre causado pelas chuvas demasiadas que atingiram o estado do Maranhão durante os meses de abril e maio de 2024, mais especificamente a capital, São Luís, atingindo 19 cidades do entorno.

É válido destacar aqui a ausência de reportagens que falem diretamente sobre o racismo ambiental, tema central desta pesquisa sobre o qual pouco se encontrou em reportagens sobre desastres naturais pelo Brasil. Por esta razão, as reportagens tiveram de ser sobre desastres naturais e não sobre racismo ambiental propriamente dito.

A análise foi feita trazendo recortes das principais partes que compõem as duas reportagens, focando principalmente na linguagem e observando os aspectos as estratégias utilizadas pelo Portal G1 em cada uma das reportagens. Nosso foco de análise observou, de que forma cada um dos desastres foi linguisticamente classificado, quais as semelhanças, diferenças, quais os aspectos que diferenciam, assemelham ou igualam essas reportagens, quais as escolhas de palavras para descrever cada acontecimento e de que forma todas essas nuances se apresentam em cada uma das reportagens.

Como organização, primeiro analisamos a reportagem que trata do Rio Grande do Sul, então, interessa dizer para caráter de contextualização do que trata o material analisado. Para tanto, importa mencionar que, nos meses de abril e maio do ano de 2024, fortes chuvas atingiram a maioria dos municípios do estado do Rio Grande do Sul, sendo um total de 471 municípios atingidos dos 497 que formam todo o estado, o que equivale a praticamente 95% do território do estado. O ocorrido deixou essa região em estado de calamidade e alerta máximos, causando mortes e deixando milhares de desabrigados. Para trazer a análise de como está sendo colocada e discutida essa situação, iniciaremos pelo título e pelo *lead* da reportagem, vejamos:

Figura 1 - Título e lead da reportagem sobre o desastre no Rio Grande do Sul



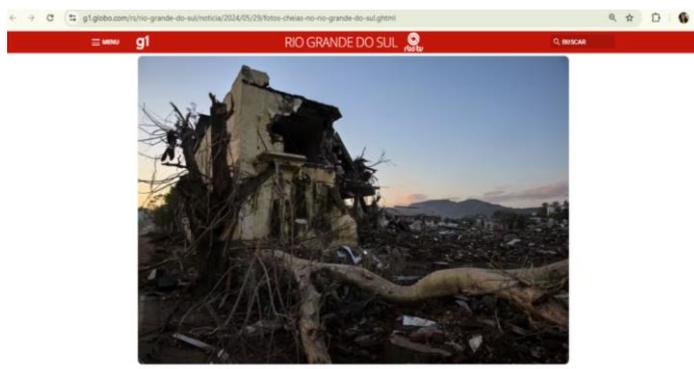
Fonte: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/29/fotos-cheias-no-rio-grande-do-sul.ghtml>

A reportagem que data de 29 de maio de 2024 traz como título “Maior desastre climático do Rio Grande do Sul em imagens”. Essa escolha de palavras traz uma carga de significado logo a partir da primeira palavra utilizada: “maior”, o que quer dizer que até então, o RS não havia sofrido um desastre climático daquela magnitude. Além disso, ao acrescentar no final do título “em imagens”, nota-se uma carga visual muito forte e até chocante diante das imagens que viriam mostrar de fato, o tamanho do estrago causado pelas enchentes enfrentadas no estado nos meses de abril e maio de 2024, que foram os 2 meses com a maior concentração de chuvas que atingiram a região.

Ao falar sobre desastre climático e não sobre racismo ambiental, percebemos também a intenção de “isentar” o ser humano pelo ocorrido, pois o título leva o leitor a entender a natureza como culpada pelo evento climático, não citando em nenhum momento algo correlato ao racismo ambiental ou a ação humana que provoca situações capazes de mudar o comportamento da natureza a partir da sua interferência no meio ambiente.

A *lead* da reportagem traz: “enchentes deixaram mais de 160 mortos no Rio Grande do Sul e tiraram 629 mil pessoas de casa”. Nesse ponto já tem informações importantes sobre algumas das consequências do desastre que é o número de mortos apurados até o momento da reportagem e o número de desabrigados que precisaram sair de suas casas em decorrência das chuvas. Vejamos o recorte 2 da reportagem:

Figura 2 - Casa destruída pelas enchentes em Arroio do Sul - RS



Fonte: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/29/fotos-cheias-no-rio-grande-do-sul.ghtml>

Essa imagem que é do dia 22 de maio de 2024 nos traz uma amostra das consequências sofridas pelas pessoas e pela natureza também em decorrência das enchentes, pois vemos aí uma casa que foi destruída pela força das águas e também árvores que foram arrancadas e arrastadas na cidade de Arroio do Sul, uma das localidades também atingidas pelas enchentes.

Figura: 3 - Rio Grande do Sul sob chuvas e cheias históricas a 1 mês

The screenshot shows a news article from g1.com. The header includes the g1 logo, the text 'RIO GRANDE DO SUL', the 'rs-tv' logo, and a search bar labeled 'BUSCAR'. The main text of the article reads: 'O Rio Grande do Sul está sob chuvas e cheias históricas há um mês. Os temporais inundaram pontos simbólicos do estado, destruíram pontes e rodovias, deixaram mais de 160 mortos e expulsaram de casa mais de meio milhão de gaúchos. Resgates dramáticos como o do cavalo Caramelo, imagens da devastação e histórias de esperança comoveram o país nestes 30 dias.' Below this, a sub-section is titled 'Veja imagens marcantes da tragédia no Rio Grande do Sul:'.

Fonte: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/29/fotos-cheias-no-rio-grande-do-sul.ghtml>

Esse trecho traz dados dolorosos sobre as consequências das enchentes, pois trata do número de mortos que até então já passava de 160, e o número de desabrigados que passava de meio milhão de pessoas em todos o estado. As palavras escolhidas para trazer essas informações são importantes pois onde se tem: “os temporais inundaram pontos simbólicos do estado”, observamos que o destaque é para uma região nobre, não periférica que está sendo atingida pois ao dizer que se trata uma localidade com significação econômica, social, cultural, e certamente não é de uma parte da periferia que está falando.

Além disso, questões sociais, culturais e históricas, também interferem na ênfase que é dada às regiões mais nobres da cidade. A partir dessa análise, embora não apareça de forma explícita e direta, é aí que se percebe formas de racismo ambiental, já que ao falar dos bairros nobres, acaba por enaltecer certos trechos da localidade em detrimentos de outros.

Esse trecho também aborda os resgates que são descritos como dramáticos e relembra a data de início de essa situação, que foi no dia 29 de abril, bem como a região de abrangência das enchentes, a fim de destacar a dimensão do estrago causado que abrangeu a maioria das cidades em todo o estado. Seguimos para o próximo trecho:

Figura 4 - Inundação do Aeroporto Salgado Filho em Porto Alegre - RS

The screenshot shows a news article from g1.com. The header includes the g1 logo, the text 'RIO GRANDE DO SUL', the 'rs-tv' logo, and a search bar labeled 'BUSCAR'. The main text of the article reads: 'A inundação de pistas e áreas de circulação de passageiros do aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre, forçaram o fechamento do terminal desde 3 de maio. Como alternativa, um shopping virou área de embarque e desembarque para a operação de voos comerciais na base área de Canoas. (leia mais)'.

Fonte: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/29/fotos-cheias-no-rio-grande-do-sul.ghtml>

A inundação do aeroporto Salgado Filho que fica em Porto Alegre, cuja área ficou totalmente alagada, paralisou os serviços aéreos. A reportagem relata que os voos passaram a operar na base aérea de Canoas devido as impossibilidades do seu local de embarque habitual. Clicando no final desse trecho, onde está escrito “leia mais”, o leitor é lavado para outro *link* que tem uma reportagem falando exclusivamente sobre a situação do aeroporto. Essa possibilidade nos permitiu interpretar a ênfase dada ao aeroporto por estar em uma região privilegiada e de pessoas com poder aquisitivo mais elevado. Na próxima imagem, temos:

Figura 5 - O resgate do cavalo Caramelo



Fonte: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/29/fotos-cheias-no-rio-grande-do-sul.ghtml>

Esse trecho fala sobre o resgate de um cavalo que estava ilhado na cidade de Canoas. O animal estava de pé em cima do telhado de uma casa, sendo esta, a única parte do imóvel fora da água. Sem acesso a comida e água provavelmente há dias, estava cansado, com fome e desidratado. O cavalo que a partir de então ficou conhecido o Brasil como Caramelo devido a sua cor, sensibilizou muitas pessoas em várias partes do país por se tratar de uma animal indefeso e que sem a ajuda humana não teria conseguido escapar com vida da situação e do lugar onde estava.

Ao relatar esse momento do resgate de um cavalo, a reportagem intenciona chamar a atenção do leitor e sensibilizá-lo frente ao acontecimento e, assim, gerar comoção nos consumidores da notícia, atingindo seu público pela via da emoção, tendo em vista que muitos iriam se sentir comovidos pela situação, pelo contexto e principalmente pelo animal. A seguir, observamos:

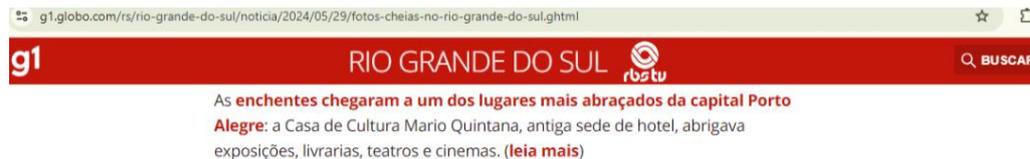
Figura 6 - Cidade de Eldorado relata “cemitério” de carros



Fonte: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/29/fotos-cheias-no-rio-grande-do-sul.ghtml>

Essa parte da reportagem fala sobre os vários carros enlameados encontrados pelas ruas das cidades atingidas pelas enchentes do início do ano no Rio Grande do sul, destacando aqui a situação de Eldorado, onde relata que há um “cemitério” de carros. A palavra cemitério nos leva a entender que tais veículos estão impossibilitados de serem recuperados. A seguir, temos:

Figura 7 - Alagamento da Casa de Cultura Mário Quintana



Fonte: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/29/fotos-cheias-no-rio-grande-do-sul.ghtml>

O enfoque aqui é dado para o alagamento da Casa de Cultura Mário Quintana, importante espaço cultural de Porto Alegre, capital do estado. A manchete destaca que as chuvas chegaram a “um dos lugares mais abraçados da capital Porto Alegre”, mas permanece sem trazer à tona, os bairros periféricos também atingidos pelo desastre ambiental que afetou a maioria das cidades em todo o estado. Em seguida veremos a próxima imagem com mais um trecho da reportagem para análise:

Figura 8 - Mercado Público de Porto Alegre



Fonte: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/29/fotos-cheias-no-rio-grande-do-sul.ghtml>

Nessa parte da reportagem, o G1 traz a situação do Mercado Público de Porto Alegre e destaca a partir da frase “tomado por águas das cheias do Lago Guaíba”, a gravidade do cenário em que se encontrava este espaço. As palavras e expressões utilizadas trazem também o peso do que significa a ausência de um espaço que atende tantas pessoas que precisam dos produtos e serviços disponibilizados nesse ambiente por tanto tempo, já que a reportagem menciona inclusive seu tempo de existência (154 anos), para dar ainda mais ênfase a importância do local. Na próxima imagem, temos:

Figura 9 - Corredores alternativos para facilitar o trânsito



Fonte: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/29/fotos-cheias-no-rio-grande-do-sul.ghtml>

Uma necessidade apresentada na reportagem de *webjornalismo* do G1 foi a de trazer soluções para o trânsito nesse momento caótico em que se encontravam essas, principalmente na capital Porto Alegre, onde o trânsito é mais intenso por ter mais pessoas precisando das vias urbanas de circulação. A abertura de corredores alternativos foi a saída adotada pela prefeitura na tentativa de amenizar os problemas causados pela lentidão e congestionamento devido as fortes chuvas.

Além disso, a necessidade especial aqui também, era levar mantimentos para as pessoas que já precisavam de vários tipos de assistência, seja de alimentos, cobertores, roupas, remédios, cuidados médicos e diversos outros produtos e serviços importantes para esse momento. A palavra “especial” foi utilizada para tratar da relevância de se resolver as questões logísticas que poderiam impedir a chegada de todas essas formas de atendimento das quais as pessoas tanto precisavam naquela conjuntura. Seguimos com a análise a partir da próxima imagem:

Figura 10 - Desabamento de uma rua na cidade de Gramado



Fonte: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/29/fotos-cheias-no-rio-grande-do-sul.ghtml>

A gravidade dos estragos causados pelas enchentes é vista também por meio do desabamento da rua Henrique Bertoluci, que fica em Gramado. Após as intensas chuvas, o solo encharcado cedeu e não resistiu a pressão das águas. Percebemos o destaque para essa rua e essa cidade, que é um importante destino turístico do Brasil a nível internacional, já que recebe pessoas de várias partes do mundo que a consomem enquanto destino. Reforçamos a ausência de destaque para outras ruas de outras cidades com menos visibilidade midiática que não é apresentada na reportagem.

A partir de agora, passaremos a analisar a reportagem sobre o desastre ambiental que aconteceu no estado do Maranhão e atingiu a capital do estado, São Luís, além de outras 19 cidades da região metropolitana. Veremos as estratégias linguísticas, os destaques, as ausências que serão aqui mencionadas e de que forma o G1 discursiviza esse desastre na região nordeste do Brasil que é historicamente uma região desprestigiada.

A análise fará algumas comparações entre as duas reportagens para trazer observações sobre possíveis diferenças de abordagem, de linguagem, mostrando como o Portal de

*webjornalismo* do G1, apresenta, discute e dá importância e visibilidade a essa reportagem da região nordeste do Brasil. Iniciando como título e o *lead*, temos:

Figura 11 - Título e lead da reportagem do estado do Maranhão



Fonte: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2024/04/13/chuvas-provocam-transtornos-na-grande-sao-luis-e-maranhao-chega-a-19-cidades-em-situacao-de-emergencia.ghtml>

A primeira observação é sobre o título da reportagem que foi publicada em 13 de abril de 2024, pois linguisticamente, observamos a economia de palavras, o uso de verbos no presente, dando uma ideia de atualidade, e foco nos elementos mais impactantes da notícia como por exemplo, as palavras “transtorno” e “emergência” foram aqui utilizadas para chamar a atenção do leitor para o fato ocorrido. Para além disso, ao trazer que no MA a situação chega a atingir 19 cidades, temos a ideia da abrangência da tragédia ambiental, embora não esteja sendo retratada como tal, como fez o RS.

No *lead*, encontramos informações que nos dão uma ideia de continuidade do título, ao trazer dados que o complementam como, por exemplo, o número de famílias alojadas em abrigos e o número de desalojados. Uma observação importante é que a reportagem destaca que esses dados provêm de uma outra fonte, ao iniciar dizendo: “segundo a Defesa Civil”. Assim, percebemos que houve uma checagem em outro órgão para poder repassar a informação para os leitores do G1. Na segunda imagem sobre a reportagem do Maranhão, temos:

Figura 12 – Maranhão chegou a 19 cidades que decretaram situação de emergência



Fonte: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2024/04/13/chuvas-provocam-transtornos-na-grande-sao-luis-e-maranhao-chega-a-19-cidades-em-situacao-de-emergencia.ghtml>

Nesse início da reportagem temos a imagem da rodovia Estrada de Ribamar, que passa em São Luís, capital do Maranhão, completamente alagada, dificultando o trânsito do qual precisam diariamente, especialmente a classe trabalhadora. Por isso Belmont (2023) destaca em seu texto que o racismo ambiental afeta as pessoas menos favorecidas e que vivem e precisam dos espaços que geralmente são esquecidos no que tange a assistência de infraestrutura dessas localidades para que pudessem oferecer mais qualidade para os sujeitos que dela necessitam e nela vivem e sobrevivem.

O recorte traz algumas das consequências sofridas pelas pessoas, mas permanece silenciada para dizer quais são as populações que sofrem essas consequências ou sobre quais políticas públicas poderiam ser executadas na tentativa de melhorar essas vias de acesso por exemplo. Passemos para a próxima imagem, na qual temos:

Figura 13: Descrição das regiões mais afetadas pelas chuvas no Maranhão

g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2024/04/13/chuvas-provocam-transtornos-na-grande-sao-luis-e-maranhao-chega-a-19-cidades-em-situacao-de-emerge...

**g1** MARANHÃO REDE MIRANTE

- [Compartilhe esta notícia no WhatsApp](#)
- [Compartilhe esta notícia no Telegram](#)

Segundo a Defesa Civil, Cachoeira Grande e Barra do Corda são duas novas cidades que entraram lista. Em todo estado, são 810 famílias alojadas em abrigos e 2.297 desalojadas.

[Clique aqui para seguir o novo canal do g1 Maranhão no WhatsApp](#)

A região de Caxias é uma das mais afetadas. Por lá, o nível do rio Itapecuru está em pouco 5,09 metros acima do normal, afetando também outras nove cidades na região, já que a bacia do rio Itapecuru tem 52.972km<sup>2</sup>, o que corresponde a cerca de 16% de todo o território maranhense.

Fonte: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2024/04/13/chuvas-provocam-transtornos-na-grande-sao-luis-e-maranhao-chega-a-19-cidades-em-situacao-de-emergencia.ghtml>

As informações fornecidas nessa parte são sobre as regiões do estado do Maranhão que foram mais atingidas pelas chuvas das enchentes de abril de 2024. O G1 consultou a Defesa Civil que lhes forneceu os dados publicados na reportagem que diz que em todo o estado são 810 famílias alojadas em abrigos, 2.297 famílias desalojadas, além de dizer também algumas das cidades atingidas, o nível do rio e o destaque sobre a porcentagem a qual corresponde a bacia do rio Itapecuru, que, segundo a reportagem, é cerca de 16% de todo o território maranhense.

Notamos nesse trecho algumas inadequações de língua portuguesa em relação a concordância, ao plural, a conectivos, por exemplo, ao dizer que “são duas novas cidades que entraram lista”, sentimos a ausência do conectivo “na”, que seria necessário entre as palavras “entraram” e lista. Além disso, também notamos inadequações no trecho que diz “Itapecuru

está em pouco 5,09 metros acima do normal”, pois o correto seria “Itapecuru está a pouco mais de 5,09 metros acima do normal” para que assim haja uma melhor compreensão e um maior cuidado na escrita desse gênero.

Ainda nessa parte, temos “outras nove cidades na região”, quando o correto seria “outras nove cidades na região”, já que o numeral 9 nove, já detona plural e dispensa a necessidade do uso da letra “s” no final.

Essas observações da grafia da língua portuguesa são importantes pois mostram a falta de zelo que houve durante o processo de escrita/correção/revisão da reportagem antes de ser publicada em definitivo, trazendo a ideia de descaso com a língua na reportagem do Maranhão que não foi encontrado na reportagem do Rio Grande do Sul, podendo remeter a um maior cuidado com uma em detrimento da outra. Vejamos a próxima imagem:

Figura 14: Orientações à população para quando o rio Itapecuru transborda



Fonte: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2024/04/13/chuvas-provocam-transtornos-na-grande-sao-luis-e-maranhao-chega-a-19-cidades-em-situacao-de-emergencia.ghtml>

A reportagem feita através do *webjornalismo* tem a possibilidade de ser multimodal, o que significa dizer que pode apresentar mais de um recurso para produzi e distribuir a notícia aos leitores/espectadores, portanto, nesse momento da reportagem, temos um vídeo de um telejornal do Maranhão, trazendo mais explicações sobre o acontecido de uma forma mais dinâmica para que o público receba as informações de maneiras diferentes ainda que se trate da mesma notícia e esteja dentro da mesma reportagem.

Nesse ponto, para além do texto e das imagens, os jornalistas apresentam a notícia por meio de vídeo, para trazer as atualizações das informações sobre o evento climático que

atingiu diversas localidades do Maranhão, acrescentando algum fato novo ou reforçando o que já estava sendo enfatizado através dos textos e imagens.

Figura 15: Forte chuva e alagamento

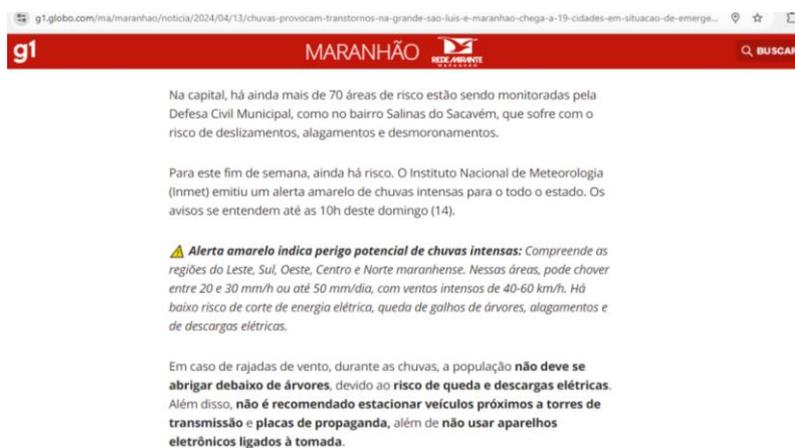


Fonte: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2024/04/13/chuvas-provocam-transtornos-na-grande-sao-luis-e-maranhao-chega-a-19-cidades-em-situacao-de-emergencia.ghtml>

O destaque desta parte da reportagem ressalta os alagamentos que ocorreram em decorrências das chuvas que atingiram a capital são Luís, da qual o trecho citado é o bairro Cidade Operária, além disso, cita também o Maiobão, bairro da cidade de Poço de Lumiar, que fica na região metropolitana da capital. Dificuldades de escoamento do trânsito também são destaque para esse trecho da região.

A partir das informações apresentadas por meio desses dados, é possível observar que, na reportagem sobre o desastre ambiental do Maranhão, percebemos que esta, cita mais regiões menos favorecidas do que a reportagem sobre o Rio Grande do Sul, pois notamos uma maior presença de regiões e bairros que não fazem parte das áreas nobres de região atingida. Na próxima imagem, observamos:

Figura 16: Alerta amarelo indica potencial de chuvas intensas



Fonte: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2024/04/13/chuvas-provocam-transtornos-na-grande-sao-luis-e-maranhao-chega-a-19-cidades-em-situacao-de-emergencia.ghtml>

A reportagem traz nesse recorte, detalhes sobre as principais partes atingidas pelas enchentes, as regiões que apresentam riscos, informações fornecidas pelo Instituto Nacional de Meteorologia (INMET), alertas e orientações feitas por órgãos competentes e publicadas por meio da reportagem sobre o comportamento da população diante da situação climática que afeta a região naquela conjuntura.

Notamos nesse trecho a ausência da conjunção “que”, pois devendo estar conectando as palavras “risco” e “estão”, no início da fala quando diz: “áreas de risco estão sendo monitoradas”, quando na verdade seria adequado constar “áreas de risco que estão sendo monitoradas”. Na 7ª imagem sobre a reportagem do Maranhã, observamos:

Figura: 17: Orientações

g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2024/04/13/chuvas-provocam-transtornos-na-grande-sao-luis-e-maranhao-chega-a-19-cidades-em-situacao-de-emerge... ☆ ☆

**g1** MARANHÃO REDE MARANHÃO BUSCAR

### Orientações

A Defesa Civil do Maranhão orienta que, em situações de chuvas intensas, a população mantenha distância segura de trechos afetados e/ou em que o solo esteja encharcado, o que aumenta o risco de desmoronamentos ou deslizamentos.

A Defesa Civil alerta, também, que ao verificar riscos de alagamentos na cidade, deve-se procurar as autoridades de defesa como Corpo de Bombeiros e a própria Defesa Civil, por meio dos telefones 193 e 199, informando quais são as áreas afetadas pelas cheias. **Além disso, a Defesa Civil recomenda que:**

- ☑ Avise aos seus vizinhos sobre o perigo e, se possível, convença as pessoas que moram nas áreas de risco a saírem de casa durante as chuvas;
- ☑ Se precisar retirar algo da sua casa após a inundaç o, peça ajuda   Defesa Civil ou ao Corpo de Bombeiros;
- ☑ Coloque documentos e objetos de valor em um saco pl stico bem fechado e em local protegido;
- ☑ N o use equipamentos el tricos que tenham sido molhados ou em locais inundados, devido o risco de choque el trico ou curto-circuito.

Fonte: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2024/04/13/chuvas-provocam-transtornos-na-grande-sao-luis-e-maranhao-chega-a-19-cidades-em-situacao-de-emergencia.ghtml>

Esse   o trecho final da reportagem sobre o desastre ambiental que atingiu o Maranh o em 2024 e nele podemos verificar uma s rie de informa es, recomenda es e cuidados aos quais a popula o maranhense deve se atentar de acordo com as orienta es da Defesa Civil do estado. As informa es/orienta es s o bastante importantes pois presam pela vida das pessoas e tenta evitar poss veis incidentes que possam ocorrer devido a desinforma o de toda a comunidade em rela o aos riscos aos quais poderiam estarem expostos diante do contexto.

A reportagem traz tamb m o alerta da Defesa Civil sobre a quem a popula o deve procurar em caso de ocorr ncia, publicando inclusive os telefones da pr pria Defesa Civil e do Corpo de Bombeiros para que sejam acionados quando necess rio. Al m disso, est  destacado em negrito a recomenda o da Defesa Civil sobre o que a popula o deve fazer e como deve se comportar caso se encontrem em qualquer situa o que possa colocar as suas

vidas em risco e descreve diversas possíveis situações nas quais isso pode ocorrer e o que fazer em cada uma delas.

Observamos em toda a reportagem sobre o desastre ambiental do Maranhão que, embora o ocorrido nesse estado não tenha tomado as mesmas proporções do desastre ambiental do Rio Grande do Sul, a tônica da linguagem parece torná-lo/considera-lo de menor relevância em comparação ao outro.

Na reportagem que trata do desastre no Rio Grande do Sul, o acontecido foi tido como desastre climático, enquanto no Maranhão, a reportagem traz que chuvas causaram transtornos, esse termo utilizado na segunda reportagem, é como se reduzisse a tragédia que também aconteceu no Maranhão, estado do nordeste brasileiro.

Ainda na reportagem do Rio Grande do Sul, é perceptível a quantidade de imagens utilizadas para retratar e exemplificar o desastre que acometeu aquela região. As imagens, que não foram colocadas todas para esta pesquisa em razão de seu foco ser o texto, foram bastante exploradas e tem a intenção de mostrar o que aconteceu por meio das fotografias e gravações das localidades atingidas, além do mais, é uma forma eficiente de chamar a atenção do público e também de chocar e sensibilizar as pessoas já que elas por si só, retratam detalhes da tragédia que não podem ser percebidos apenas através do texto.

O que se observa facilmente nessa reportagem é a ausência de falas e de destaque por exemplo, para com as pessoas que mais sofreram as consequências desse desastre, sobre as consequências ambientais deixadas para trás em meio ao caos instaurado a partir desse evento, a falta de discussão sobre quem mais sofrerá, mesmo depois que a enchente cessou, pois as pessoas de menor poder aquisitivo é que terão as menores chances de reconstruírem suas vidas, suas casas, sua história.

A análise da reportagem mostra também que são evidenciadas sempre as áreas mais nobres atingidas pelas enchentes, enquanto que as áreas mais periféricas não são mencionadas, nem recebem qualquer destaque, como se importasse mais, as zonas que são detentoras de maiores riquezas, mais geradoras de lucros e onde vivem e trabalham pessoas de classes sociais mais altas e portanto, “mais importantes” na sociedade.

Aqui se percebe a maneira como se configura o racismo estrutural, já que em situações de desastres ambientais a sociedade já espera que as piores consequências de eventos como esses, sejam sentidos mais fortemente pelas pessoas/comunidades menos favorecidas socialmente. É como se isso fosse natural e não houvesse nada a ser feito/modificado para melhorar essa realidade. Além disso, é possível sentir que os desastres só causam impacto ao serem noticiados, quando causam algum tipo de destruição em áreas mais nobres, sendo que

os maiores estragos são nas áreas que permanecem invisibilizadas pela sociedade e pela mídia que pouco retrata as consequências que são mais desastrosas nessas regiões.

As regiões que recebem maior destaque durante todo o desenrolar da reportagem do Rio Grande do Sul, são localidades onde ficam indústrias que fabricam diversos produtos, ou seja, são localidades que abrigam diversas formas de indústria seja no campo do agronegócio, na fabricação de maquinários, de produtos químicos, etc, sendo que as áreas mais pobres foram as mais atingidas pelas enchentes, no entanto, menos faladas ou então, nem citadas no texto.

Ainda sobre a reportagem do Rio Grande do Sul, é possível observar que o destaque é significativamente maior para as perdas materiais do que para as perdas humanas e ambientais, já que é grande a devastação causada por tantas vidas humanas que se foram e por todo o rastro de destruição do ambiente que é nítido a partir do texto e das imagens presentes na mesma reportagem.

Outra diferença notável diz respeito ao tamanho das reportagens, que são bem diferentes, sendo a que fala sobre o desastre do Rio Grande do Sul bem maior que a que fala sobre as chuvas no Maranhão. A ocupação do espaço da reportagem tanto em questão textual quanto em distribuição de imagens e em quantidade de informações é bastante superior.

Identificamos também que, a reportagem do Maranhão, continha mais informações no que tange a orientação da população quanto ao que fazer em caso de emergências ou qualquer demanda que justificasse a chamada de autoridades competentes para intervir como a Defesa Civil ou o Corpo de Bombeiros, por exemplo. Embora isso também se deva ao fato de que a publicação de ambas as reportagens, se deram no decurso dos eventos, no entanto, na reportagem do Rio Grande do Sul não se encontram essas orientações.

Apesar de não dizer claramente que será uma reportagem com o uso de muitas imagens como é destacado claramente no título da reportagem do Rio Grande do Sul, que diz inclusive no título que assim o fará, a reportagem do Maranhão apresenta poucas imagens que ilustrem a situação caótica em que se encontrava em decorrência das fortes chuvas que atingiu a região no mês de abril de 2024.

O racismo ambiental é percebido a partir dessas ausências e desses silenciamentos que nitidamente enxergamos em situações/escritas como essa. O gênero jornalístico, deveria ter como bandeira apontar todas as injustiças e todas as ausências de políticas públicas capazes de assistir aos que mais necessitam.

Não é sobre dizer que os pontos destacados são desimportantes, mas sim, sobre observar que, nem foram apenas esses pontos que sofreram e sofrem com essas tragédias e

também que as demais localidades menos favorecidas, também precisam e carecem de lugar de destaque para que possam ser vistos, lembrados e assistidos conforme as suas demandas e necessidades dentro de uma comunidade que é heterogênea, mas que se homogeniza e é excludente, a cada instante que esquece daquele que é menor/diferente dos espaços/regiões aqui mencionadas.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo geral investigar como a relação linguagem e racismo ambiental é manifestada em reportagens do *webjornalismo* do G1 sobre desastres ambientais, de regiões geográficas brasileiras distintas e como objetivos específicos a) compreender a relação linguagem e racismo ambiental no capitalismo recente, b) reconhecer o modo de constituição do gênero discursivo reportagens do *webjornalismo* do G1 e c) analisar a relação linguagem e racismo ambiental nas reportagens do *webjornalismo* do G1.

A pergunta problema desta pesquisa foi: Como o *webjornalismo* do portal G1 apresenta o racismo ambiental em suas reportagens sobre os desastres ambientais? Assim, temos que as questões levantadas foram respondidas a medida que foi compreendida a relação entre linguagem e racismo ambiental no capitalismo recente já que as discussões sobre capitalismo atual mostraram as questões de exclusão que acontecem nas localidades por priorizar as áreas nobres com uma infraestrutura de maior qualidade e um atendimento com maior frequência e melhores resoluções de suas demandas.

O gênero discursivo *webjornalismo* também foi conhecido a partir das discussões teóricas que trouxeram suas definições, aplicações e os veículos utilizados para a sua disseminação, assim, embasaram essa discussão sobre a produção e sobre a distribuição das notícias a partir das mídias digitais da internet.

Sobre a linguagem e o racismo ambiental, o que mais foi possível perceber diz respeito às ausências sentidas pois a discussão sobre o racismo propriamente dito, nem se quer entra em pauta de nenhuma forma. O que percebemos sobre isso, tomamos conhecimento implicitamente por meio das percepções feitas das leituras sobre os materiais encontrados e especialmente, sobre o *corpus* analisado, já que essa questão é infelizmente, negligenciada por parte do jornalismo, mas não apenas, por parte também do poder público que deveria cuidar de todas as áreas de uma localidade com o mesmo zelo, sem priorizar a burguesia a partir do cuidado que é feito apenas nas áreas nobres de todas as localidades.

O que mais ficou nítido a partir dessa pesquisa é o quanto as comunidades negras, carentes, periféricas, de baixa condição social e financeira, está sempre a mercê de todas as consequências geradas por um desastre ambiental que atinge uma localidade, seja ela qual for, pois em todas as vezes, as regiões mais esquecidas, serão sempre onde moram os menos favorecidos, os negros, os periféricos, os pobres.

Pudemos perceber o quanto a região sul do Brasil foi priorizada a partir da reportagem que foi maior em texto, com mais imagens demonstrando imagetivamente o alcance dos

desastres ocasionados pelas chuvas, enquanto que, a reportagem sobre o Maranhão, foi bastante reduzida, com poucas imagens e pouco destaque.

O que esperamos com esse trabalho é que mais pesquisadores sejam instigados a investigar as questões inerentes ao racismo ambiental, já que esta pesquisa mostrou que ele ainda não é discutido de modo geral, pois não foi encontrado nas reportagens, uma referência direta que nos levasse até o racismo ambiental de fato, o que pudemos verificar é a existência dele mesmo que percebido apenas de forma implícita por entender que estamos em um contexto de Brasil, um país com o preconceito e a exclusão enraizados em suas entranhas e que permanece classificando os seres humanos a partir de determinantes que não deveriam servir de critério para inclusão ou exclusão de quem quer que seja.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ricardo Regis de. Ideologias (racio)linguísticas acionadas por estudantes de inglês em um curso de extensão. **Humanidades e Inovação**, V. 8, n° 36, (248-262) março 2021
- ASSOCIAÇÃO CASA FLUMINENSE. **Guia para justiça climática: tecnologias sociais e ancestrais de enfrentamento ao racismo ambiental na região metropolitana do Rio de Janeiro**. 1° Ed. Rio de Janeiro: Associação Casa Fluminense, 2023.
- BELMONT, Mariana. **Racismo Ambiental e emergências climáticas no Brasil**. 1 Ed. São Paulo: Oralituras, 2023. Disponível em: <https://peregum.org.br/publicacao/racismo-ambiental-e-emergencias-climaticas-no-brasil/> Acesso em: 20 mai 2024
- BENTO, Cida. **Pacto da branquitude**. 1° Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- CANAVILHAS, João. **Manual de jornalismo na web**. Disponível em: <https://labcomca.ubi.pt/wp-content/uploads/2024/01/2024-Webjornalismo-Joao-Canavilha.pdf> Acesso em: 20 out 2024
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 4° Ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- FERNANDES, Alexandre. EUGÊNIO, Benedito Gonçalves. **Linguagem, branquitude, racismo: Relações de poder, Lugar de fala e Epistemologia**. Disponível em: <https://plataforma9.com/?jsessionid=27DAE6258F4D74EC2541AAD29E2DB548/publicacoes/chamada-da-revista-lingu-nossa-para-o-dossie-linguagem-branquitude-racismo.htm> Acesso em: 20 mai 2024
- GLOBO. **Maior desastre climático do Rio Grande do Sul em imagens**. G1. Porto Alegre/RS. 25/05/2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/29/fotos-cheias-no-rio-grande-do-sul.ghtml> Acesso em: 16 set 2024
- GLOBO. **Chuvas provocam transtornos na grande São Luís e MA chega a 19 cidades em situação de emergência**. G1. São Luís/MA. 13/04/2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2024/04/13/chuvas-provocam-transtornos-na-grande-sao-luis-e-maranhao-chega-a-19-cidades-em-situacao-de-emergencia.ghtml> Acesso em: 20 jul 2024
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4° Ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOMES, Gilmarques Lopes. Linguística aplicada, letramentos e formação docente: desafios e perspectivas no contexto contemporâneo para o ensino de Língua Portuguesa. **Discursividades**, João Pessoa, V. 10, n° 1, p. (1-17), Jan-Jun, 2022. Disponível em: <https://revista.uepb.edu.br/REDISC/article/view/964/756> Acesso em: 05 jul. 2024
- HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, São Paulo, v. 26, n° 1, (61-73) Jun, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/LhNlNH6YJB5HVJ6vnGpLgHz/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 09 ago 2024

JESUS, Victor de. Racializando o olhar (sociológico) sobre a saúde ambiental em saneamento da população negra: um continuum colonial chamado racismo ambiental. **Saúde Soc.** São Paulo, V. 29, n° 2, p. (1-15), 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/5LRzfP3sP8kCDbhnJy6FkDH/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 05 jul 2024

JULIANO, Dayana Christina Ramos de Souza, ICASURIAGA, Gabriela Maria Lema. Desenvolvimento capitalista e racismo ambiental: reconhecendo as resistências de mulheres. **Revista Goitacá**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. (1-14), jan-jun, 2023. Disponível em:

LOPES, Luiz Paulo da Moita. **Por uma linguística aplicada interdisciplinar**. 2° ed. São Paulo: Parábola, 2008

LOPES, Luiz Paulo. **Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar**.

Disponível em: <https://ufscdeutsch2010.wordpress.com/wp-content/uploads/2010/10/nps156.pdf> Acesso em: 02 jul 2024

MACHADO, Liliana Mesquita. 30 anos de reportagem político-social na imprensa escrita do Porto (1974-2004): Jornal de Notícias, o Primeiro de Janeiro e O Comércio do Porto.

**Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, v. 13, n. 25:(3-12) jul-dez 2012. Disponível em:

[https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista\\_comunicacao\\_inovacao/article/download/1467/1264/6111](https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/download/1467/1264/6111) Acesso em: 24 jul 2024

MACHADO, Elias. PALACIOS, Marcos. **Modelos de jornalismo digital**. Calandra, Salvador/BA 2003. 233p. Disponível em:

<https://gjol.net/wp-content/uploads/2012/12/book-modelos-jornalismo.pdf> Acesso em: 07 nov 2024

MARICATO, Ermínia. (2003). Metrópole, legislação e desigualdade. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 48, pp. 151-166. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9928/11500> Acesso em: 29 nov 2024

MARQUES, Leonardo. Sobrevivendo no inferno: a escrita da história na eco-crise global.

**Revista Brasileira de História**. São Paulo, vol. 43, n. 55, p. (47-67) jan-abr 2023.

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo**. 1° Ed. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. 1° Ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

PEREIRA, Bruna Cristina Jaquetto. Sobre usos e possibilidades da interseccionalidade. **Civitas**, Brasília/DF. **Civitas** 21 (3): 445-454, set.-dez. 2021. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/civitas/a/h7rvGvv5gNPpkm7MjMG6D5c/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 24 out 2024

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: QUIJANO, Anibal. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.** Buenos Aires: CLACSO, 2005. 117-142

RODRIGUEZ, Rodrigo Siqueira. Urbanização, capitalismo e emancipação: uma perspectiva marxista. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, n.44, p. (1-16), 2024. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/geouerj/article/view/83106/50491> Acesso em: 08 jul 2024

SANTOS, Raquel Amorim dos. SILVA, Rosângela Maria de Nazaré Barbosa e. Racismo científico no Brasil: um retrato racial do Brasil pós-escravatura. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, n. 68, p. 253-268, mar./abr. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/cmGLrrNJzVfsKXbPxdnLRxn/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 21 jul 2024

SASSEN, Saskia. Lógicas predatórias: indo muito além da desigualdade. **Caderno CRH**, Salvador, vol. 35, p. (1-17) 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/dNrVJVZbYqVB4gDLZ4gs7tp/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 06 jul 2024

SILVA, Daniel do Nascimento e. ‘A propósito de Linguística Aplicada’ 30 anos depois: quatro truísmos correntes e quatro desafios. **Delta**. Rio de Janeiro, 31, Especial, p.349-376, 2015.